

AS FONTES DOCUMENTAIS DA COLEÇÃO LEOPOLDO GOTUZZO: ACERVO DO MALG

RAQUEL SANTOS SCHWONKE¹;
GIANA LANGE DO AMARAL²

¹Universidade Federal de Pelotas – raquel.ufpel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gianalangedoamaral@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade analisar as fontes documentais da Coleção Leopoldo Gotuzzo e seu processo de produção, usando como base a História Cultural, conforme BOURDIEU (1989), LE GOFF (2003) e ABREU (1986). Busca-se saber os motivos que levaram o artista a fazer as doações e quais fatores colaboraram para isso. A Coleção em estudo pertence hoje ao Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), fundado em 1986. A origem da Coleção é a doação do artista pelotense Leopoldo Gotuzzo (1887-1983) à Escola de Belas Artes (EBA), com o objetivo de ver sua produção salvaguardada em um museu. O acervo possui cerca de 700 itens organizados em obras de arte, fotografias, mobiliário, objetos e outros.

Compactuando com ABREU (1986), podemos afirmar que há múltiplas implicações e estratégias num “simples gesto” de doação. Através da análise dos documentos da Coleção Gotuzzo é possível relacionar mecanismos de construção da memória. Gotuzzo busca a imortalização de sua obra, não tendo herdeiros deixa seu legado para um museu.

Suas obras e realizações passam a significar sua passagem na terra. Ele seleciona somente o que irá contribuir para engrandecê-lo como artista, as medalhas e troféus, as obras premiadas. Pelos objetos podemos conhecer o seu modo de vida, seus hábitos. Conforme SAINT MARTIN (1986), o que tange ao lugar do museu em nossa sociedade, não é somente um lugar de memória, mas de difusão de uma maneira de fazer ler a história, se não de imposição, de proposição de uma definição de excelência social e política.

As notas publicadas em periódicos enaltecem a qualidade e autoridade do artista, falam do seu talento, de sua formação na Europa, do sucesso de público na abertura de suas exposições. O reconhecimento do artista é respaldado pelas informações nos jornais, artigos estes colecionados e colados em um Álbum¹, estão no acervo do MALG. Pouco se vê sobre sua família, seus amores, sua infância. O que ele quer deixar público é o artista que partiu cedo de sua terra natal, trabalhou arduamente e foi um vencedor. O autor constitui um discurso de si.

Assim, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada [...] (LE GOFF, 2003, p.525). Para o autor, todo registro é fruto de um contexto e não é possível analisá-lo de forma isolada, pois está imerso em uma realidade.

O documento [...], é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao

¹ Álbum, com capa preta em veludo, construído por Leopoldo Gotuzzo, com recortes de jornais, fotografias, e desenhos, onde exhibe sua vida artística. Acervo do MALG/UFPEL.

historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 2003, p. 545).

O documento é ao mesmo tempo verdadeiro e falso, para tanto deve ser posto à luz ao modo de produção (LE GOFF, 2003). Dessa forma, o artista Leopoldo Gotuzzo preparou e constitui seu acervo para ficar na memória, fato que culminou com a fundação do Museu que leva seu nome.

METODOLOGIA

As fontes são a matéria prima do historiador e fazem a conexão com o passado. Metodologicamente, o trabalho se dá a partir da coleta de fontes e análise realizada segundo referenciais teóricos. As fontes para este trabalho se constituem em arquivos da instituição, sendo utilizada a Coleção Leopoldo Gotuzzo, acervo do MALG. As fontes da Coleção compreendem todo o seu acervo composto por obras de arte, objetos, mobiliário, fotografias, cartas, livros, revistas.

Conforme LE GOFF (2003), todo documento é monumento. Após localizar as fontes, o passo seguinte é escolher quais conjuntos documentais poderiam ser investigados em busca de dados que ajudassem a responder a problematização proposta. Que motivos levaram o artista a fazer as doações e quais fatores colaboraram para isso? São perguntas que surgem ao se deparar com esses fragmentos de memórias do autor. Foram escolhidas algumas cartas escritas por Leopoldo Gotuzzo à EBA, que se referem às doações, objetos pessoais e o Álbum com matérias publicadas em jornais e fotografias construído pelo autor.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tomamos a Coleção Leopoldo Gotuzzo como ponto de partida de uma análise de processos culturais e simbólicos, tendo em vista que foi constituída por seu titular. Dessa forma, considerando que os significados simbólicos são infinitos em suas possibilidades, eles podem gerar conhecimentos empíricos, abstratos ou culturais de natureza variada. Por meio do estudo dos objetos da coleção como: cartas, fotografias, instrumentos de trabalho, livros, revistas, bengalas e mobiliário, podem ser observados os hábitos, costumes e letramento de seu autor.

Há outros objetos que devem ser referenciados exclusivamente à pessoa e servem para construir sua imagem pública, como as medalhas e os diplomas. Esses objetos só farão sentido se reunidos a outros documentos para análise e associarmos a quem pertencem. Podem ter novas significações no campo dos bens simbólicos, mas terão sempre ligação direta com seu possuidor original.

As fotografias exibem o habitat natural do artista em seu atelier, com suas telas ao fundo, ou em exposições de arte. Posava para as fotos sempre numa mesma posição em perfil, usando gravata e paletó abotoado, sapatos de verniz em preto e branco, exalando sobriedade.

Observamos que identificar as fontes e interpretá-las são elementos constituintes da pesquisa, este é o trabalho do historiador, transformá-los em historiografia. Para RAGAZZINI (2001), as fontes respondem as perguntas que lhe são apresentadas, não falam por si. “Não basta olhar, é preciso ver” (RAGAZZINI, 2001, p.14).

As reportagens de jornal dão legitimidade a sua carreira artística. Conforme BOURDIEU (1989) a violência simbólica é manifestação desse conhecimento através do reconhecimento da legitimidade de um discurso dominante. A violência simbólica é o meio de exercício do poder simbólico. Podemos relacionar ao conceito

de campo, usado por BOURDIEU (1989, p. 261), como uma rede de relações objetivas e implica em um espaço de relações. Seu entrelaçamento de amizades bem como as administrações responsáveis facilitou o processo. Há uma recepção à obra do artista na cidade, um público fruitor da sua arte - o campo artístico.

Ao examinar as notas dos jornais, recortadas e coladas no Álbum do Gotuzzo pode-se afirmar sua participação em salões de arte e seu sucesso como pintor. Algumas notas nos jornais reforçam essas ideias: “Leopoldo Gotuzzo, é um dos nossos jovens pintores, um dos mais completos, tem se revelado em todas as especialidades de sua arte de um modo notável” (Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 1921). Quanto ao aspecto social há registros de que “Leopoldo Gotuzzo não é só um artista admirável, é também admirável gentleman que todo o alto mundo carioca preza e aprecia;” Sua obra é destacada na sociedade e contexto em que vive; “Nas rodas artísticas e mundanas nota-se vivo interesse pela exposição do festejado pintor [...]”; “O Salão Leopoldo Gotuzzo, um brilhante acontecimento artístico e mundano”; “Muito concorrida a mostra do pintor Leopoldo Gotuzzo, um gênio artístico” (notas de jornais extraídos do Álbum. Acervo do MALG).

Podemos conferir com a análise das fontes documentais da Coleção Leopoldo Gotuzzo, que o acervo constituído por seu titular foi produto de suas escolhas e de escolhas de determinados agentes sociais, estando diretamente relacionado às significações que esses atribuem aos objetos. O que define que vai ser peça de museu são as motivações, os desejos e a vontade. Uma vez expostos irão fornecer informações de uma pessoa, de um povo, de uma cultura e podem nos contar as motivações que levaram seus atores a inseri-los nos museus.

Gotuzzo ao deixar seu patrimônio para o museu tem a intenção de construir seu personagem, fazer com que o público aprecie seu trabalho, imortalizando-o, conforme os registros da sua carta: “Quero deixar para Pelotas, meu modesto trabalho”, “estes quadros representam tanto estudo, tanta luta”, “representam as primeiras recompensas que dei e o esforço e a separação dos meus pais e meus irmãos, e também o seu orgulho, a medida que, ainda no estrangeiro, ia ganhando as primeiras premiações oficiais”. “Nossa Escola (EBA), passados tantos anos, também assume um compromisso, o cuidado e a conservação destas telas que quanto mais durarem mais tempo dirá que um filho de Pelotas lhe deu o que tinha de melhor” (Carta de doação, 1955, Acervo do MALG).

CONCLUSÕES

Apresentamos aqui conclusões parciais, tendo em vista que a presente pesquisa está em desenvolvimento. Analisar e interpretar as fontes documentais da Coleção Leopoldo Gotuzzo, com o uso da obra de Bourdieu, Abreu e Le Goff parece-nos adequado e tem sido desmistificador ao dar conta das questões que são colocadas. Estão sendo desveladas as intenções de Leopoldo Gotuzzo ao ter preservado e constituído seu acervo, a partir dos jogos de poder, que atuaram na formação do Museu e estão despercebidas. Este estudo demonstra como há múltiplas implicações e estratégias no simples gesto de doação, determinadas por outros fatores. Seu intento de tornar-se um artista imortal é possível através de uma instituição de memória. Esse acervo, hoje patrimônio do Museu de Arte da UFPel, foi salvaguardado por muitos atores. Contem informações preciosas para a historiografia da arte, e, sendo uma coleção pública, possibilita infinitas pesquisas e contribuições para os estudos de memória, história e estratégias de consagração. A

partir das fontes documentais do MALG conseguimos gerar outras tantas fontes que estão servindo para o desenvolvimento de tese a respeito da instituição.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**. Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

LE GOFF, Jacques. **Historia e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Lisboa: Ed. Difel. 1990.

RAGAZZINI, Dario. **Para quem e o que testemunham as fontes de História da Educação?** In Educar em revista nº 18 Curitiba: Editora UFPR, 2001. p. 13-28

SAINT MARTIN, Monique De. In ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**. Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.